



A Santa Sé

SOLENES EXÉQUIAS NO FALECIMENTO DO CARDEAL PERICLE FELICI

HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II

Quinta-feira, 25 de Março de 1982

"Estai preparados, porque o Filho do homem chegará na hora em que menos pensais" (Lc 12, 40). 1. Uma vez mais, caros irmãos e irmãs, a experiência nos faz tocar com a mão a verdade desta advertência, tão conhecida, do Evangelho. Estamos ainda todos sob a impressão dolorosa e atemorizada pelo inesperado desaparecimento do nosso amado Irmão, o Cardeal Pericle Felici, o inesquecível Secretário do Concílio Ecuménico Vaticano II e presentemente Prefeito do Supremo Tribunal da Assinatura Apostólica e Presidente da Pontifícia Comissão para a Revisão do Código de Direito Canónico. O Senhor, dono da vida e da morte, no-lo subtraiu improvisamente quando estava no seu empenho activo de serviço à Igreja e no centro mesmo de um acto de sacerdotal ministério na terra da Apúlia; e nós julgamos que, se deste modo dispôs, isto corresponde a superiores, ainda que a nós incompreensíveis, razões de bondade e de amor misericordioso. Eis que só este pensamento, *inspirado em fé viva*, isto é em directa referência a um parâmetro essencial do nosso Credo — *Sive vivimus, sive morimur, Domini sumus* — deve guiar-nos e espiritualmente reanimar-nos durante a presente Liturgia: O Senhor Deus tira e, ao mesmo tempo, conserva; tira-nos a presença física de um irmão muito querido e ao mesmo tempo mostra-no-lo — e disso temos, mais que esperança, segura certeza — revestido de vida nova no nome e pela virtude do unigénito Seu Filho ressuscitado. Será este mesmo *pensamento de fé* que sustentará o nosso ânimo, humanamente alquebrado, e mudará a triste cerimónia desta manhã em realidade de fraterna união e consolação. 2. Aludi aos ofícios ou funções, indubitavelmente importantes, que ao saudoso Cardeal confiaram os meus predecessores João XXIII e Paulo VI nos anos da sua maturidade. Mas o Cardeal Felici deve ser considerado e recordado também pelo que foi e pelo que fez, nos anos precedentes, como sacerdote tão rico de qualidades naturais e humanas, quanto *enriquecido*, graças a um sério cuidado formativo, daqueles dotes que são próprios do verdadeiro *homo Dei* (1 Tim 6, 11). Então ao lado da sua índole sincera, da sua singeleza de trato, do seu bom senso de autêntico homem do Lácio e, também, do seu humor

e da sua veia poética, apresentam-se — com todo o relevo e com o exemplar valor da sua sólida fundamentação de "padre romano" — a sua competência jurídica e a sua paixão pelas leis antigas e novas da Igreja, o seu trabalho no campo didáctico-educativo como Reitor do Pontifício Instituto "utriusque iuris" de Santo Apolinar e apreciado Padre Espiritual no Seminário Romano Maior. Bem poderiam falar e testemunhar, a este propósito, os numerosos jovens e ex-alunos de outros tempos, que hoje são sacerdotes e mostram, no cumprimento dos seus ministérios eclesiais, ter entesourado altas lições recebidas do seu superior e director espiritual.³ Mas eu sinto para com ele uma *dívida especial de gratidão* viva e sincera. Como tantos — melhor como todos os Bispos participantes em cada uma das sessões do Concílio Vaticano II, de 11 de Outubro de 1962 a 8 de Dezembro de 1965 — eu tenho ainda nítida, diante do meu olhar, a figura do diligente Secretário Monsenhor Felici, que, já encarregado, nas precedentes fases antepreparatória e preparatória, do complicado e meticuloso trabalho de coordenação e selecção na "quantidade de papéis" relativos à vastíssima problemática conciliar, soube constantemente demonstrar assídua aplicação, capacidade de ouvir, respeito pelas opiniões alheias, clareza de visão dos problemas e, sendo necessário, longânime paciência, além de filial obediência e fidelidade absoluta aos Sumos Pontífices. Foi, o seu, um trabalho quotidiano e indefesso que não teve paragens, porque obviamente o Secretário não o era só na Sala, no interior desta Basílica, mas devia retomar e continuar o mesmo trabalho, quando o dos outros estava terminado. E literalmente — é necessário acrescentar — ele continuou ainda, no período sem dúvida não fácil do após-Concílio, procedendo no duplo sentido da publicação de todas as Actas oficiais da assembleia ecuménica e da presidência da Comissão especial, que tem o encargo de interpretar os decretos conciliares. Nem posso esquecer o outro importante sector, a que aludi ao princípio, de primeiro responsável da Comissão destinada a preparar o novo Código Canónico, sector para o qual são igualmente necessárias — além de um profundo sentido jurídico — não comuns capacidades de organização e de síntese, e no qual os frutos *Deo aiuvante* já se entrevêm. É precisamente para este vasto trabalho, como para os outros encargos a ele confiados no interior da Cúria Romana, que eu olho quando falo da dívida de pessoal reconhecimento ao caro Purpurado, que tanto pude apreciar pela competência, pela dedicação e pelo estilo — diria — do seu serviço e da sua colaboração. Ele, como sempre soube mostrar-se digno da confiança dos meus Predecessores, assim me esteve fielmente próximo nestes anos do meu Pontificado, a começar daquela tarde de 16 de Outubro de 1978, quando anunciou ao mundo o nome do novo eleito para a Sé de Pedro.⁴ Mas voltemos ao acontecimento conciliar, a respeito do qual parece ter sido o Cardeal Felici, por unânime reconhecimento, um dos protagonistas. Sem insistir em tal apreciação (não seria este o lugar), quereria só observar que toda a actividade, por ele desempenhada na sua vida — isto é antes, na realização e depois do Concílio — corresponde àquela nota que foi significativa do Vaticano II: a nota da eclesialidade. Na verdade, o *Concílio da Igreja* teve no seu Secretário o *servidor da Igreja*, pela qual trabalhou activa e desinteressadamente, no seu esforço de descobrir, juntamente com a assembleia dos irmãos Bispos, os genuínos e originais traços da Igreja de Cristo, sacramento de salvação e de unidade para os homens (cf. Const. Dogm. Lumen Gentium, 1). Ele soube também estabelecer, nos dias e nos meses desta apaixonada busca, formas de contacto aberto e cordial com os Irmãos, as quais floresceram tantas vezes na sincera amizade e foram também elas prova do vínculo de colegialidade, sobre a qual se discutia na Sala.⁵ Vamos agora passar da Liturgia da Palavra à Liturgia eucarística, para

a qual se encaminha não só o que até agora disse, mas também e sobretudo a recomendação, ouvida na leitura evangélica. Recomendação salutar, recomendação singular é aquele *estote parati*, que o Senhor a nós dirige (Lc 12, 40)¹ Ela, de facto, não deprime, mas alivia e conforta, porque, embora nos lembre o dever da preparação e da vigilância "na expectativa da Sua vinda", é precedida muito de perto pela proclamação da bem-aventurança reservada àqueles que "estão preparados". Faremos bem, Irmãos caríssimos, meditando muitas vezes esta *palavra ao mesmo tempo admoestadora e confortante* de Cristo Jesus: ela exprime uma das bem-aventuranças evangélicas e consegue, portanto, dar alívio ao nosso espírito diante dos lutos imprevistos, que ferem a nós próprios ou ferem a pessoa dos irmãos. Sim, são "bem-aventurados aqueles servos que o Senhor, quando vier, encontrar vigilantes" (*ibid.*, 37; cf. 38.43). Tal bem-aventurança, que é premissa e garantia da eterna bem-aventurança em Deus, pode ser com segurança atribuída ao Cardeal Felici, não estando ele nem imprevisto nem desatento à voz do Senhor. Apenas alguns minutos antes da improvisa chamada, tinha, com coração que pressente, aludido à partida desta terra, partida que é a sorte comum dos mortais. Assim se inspirava — ele, aluno do Seminário Romano, onde é tradicional e muito sentida a devoção para com Nossa Senhora da Confiança — para declarar diante dos fiéis a certeza de encontrar à espera Maria. Era então pressentimento? Não o sabemos, mas sabemos, esperamos e cremos que, fechando os olhos sobre a cena deste mundo, ele os reabriu no encontro com a Mãe do céu e, por Ela guiado, com Jesus Salvador e Senhor. Assim seja!

© Copyright 1982 - Libreria Editrice Vaticana